



# CURSO de **LIDERANÇA**

Ministério do Adolescente



# APRENDENDO A TRABALHAR COM COM DINÂMICAS E ILUSTRAÇÕES

SEMINÁRIO 3

# VILÃO



- Falta de interesse?
- Falta de disciplina?
- Falta de tempo?
- Falta de dinheiro?
- Excesso de atividades?
- TV?
- Games?
- Educação?

# NICHOLAS CARR, RENOMADO ESCRITOR EM LONDRES

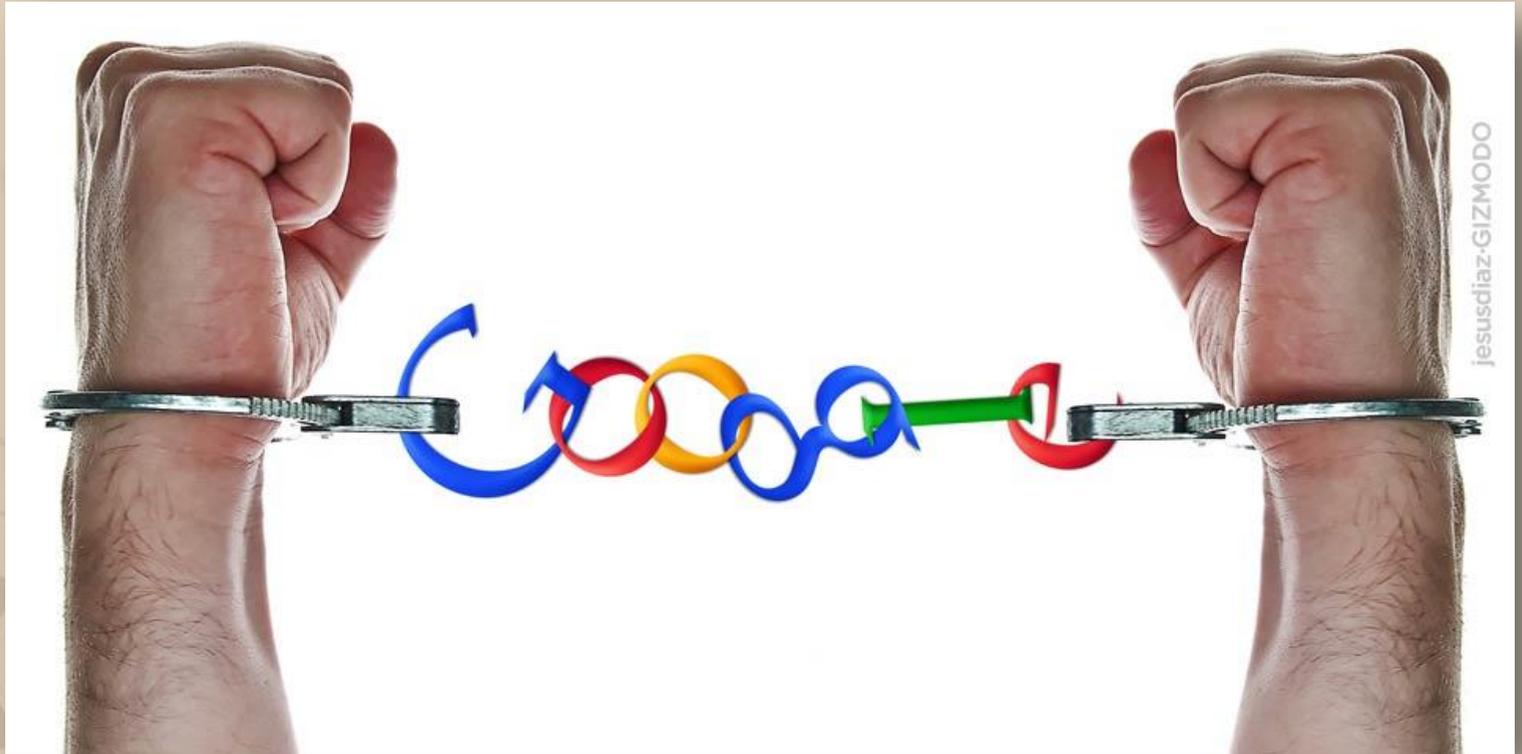


- **“O Google nos faz mais burros?”**
- A forma pela qual buscamos informação nos convida à superficialidade;
- Muita informação disponível;
- Muitas distrações dentro das informações;
- A forma com que buscamos informação está reestruturando nosso cérebro;
- As pessoas estão perdendo a capacidade de concentração por mais de poucos minutos.

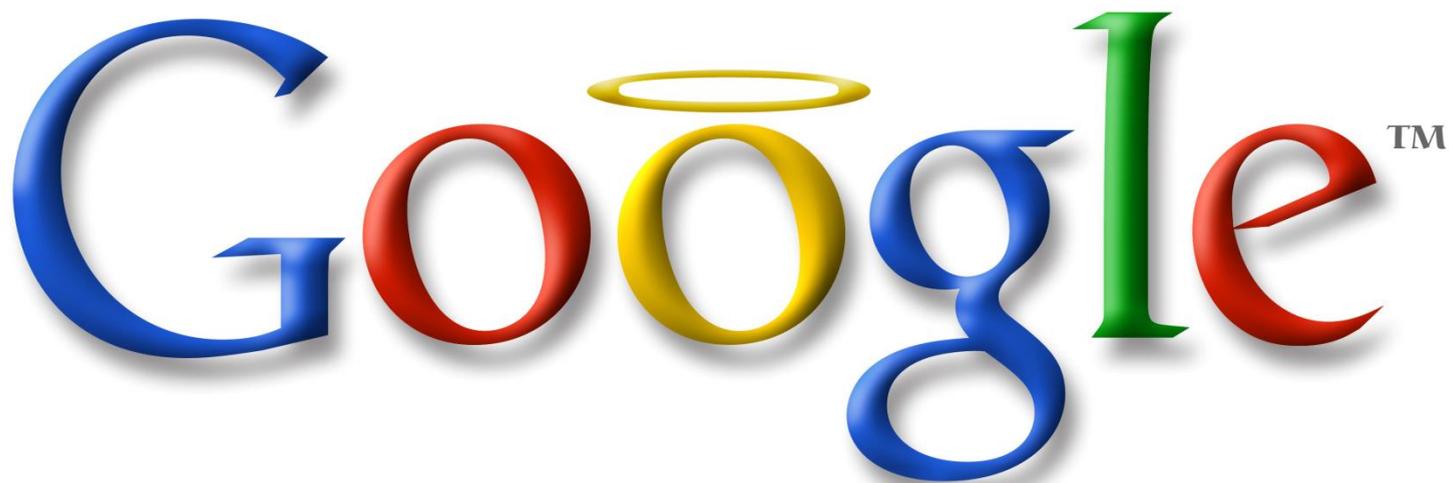


**A forma pela qual  
adquirimos informações  
está mudando**

# PROBLEMA



OU SOLUÇÃO?



Google™

The image shows the Google logo in its characteristic multi-colored font (blue, red, yellow, blue, green, red). The second 'o' is yellow and has a yellow halo above it. The letters are 3D and have a slight shadow. A trademark symbol (TM) is located at the top right of the 'e'.



**“...nós não apenas somos aquilo que lemos, mas somos como lemos.”**

Maryanne Wolf,  
diretora do Centro de Pesquisa em Leitura  
e Linguagem na Universidade de Tufts

# SOMOS DISTRAÍDOS CONSTANTEMENTE



- Mensagem de texto;
- Mensagem do facebook;
- Whatsapp;
- Emails;
- Secret;
- Skype;
- Notificações diversas.

# O QUE A INTERNET ESTÁ FAZENDO COM OS NOSSOS CÉREBROS A GERAÇÃO SUPERFICIAL

Nicholas Carr

econômicas etc. Consegue manter no ar todos esses malabares sem perder a atenção do leitor – isto é, daquele leitor que ainda for capaz de prestar atenção em um texto com mais de cinco linhas.

Carr não é um luddita, um reacionário. Sabe que voltar ao império da cultura livresca em que vivemos por séculos, com sua leitura linear e sua concentração em uma tarefa mental de cada vez, é impossível. Tanto quanto teria sido, para os contemporâneos de Gutenberg, *desinventar* a imprensa.

Essa inevitabilidade histórica não o impede de recuar dois passos em busca de uma visão distanciada daquilo que a maioria de nós percebe apenas como vertigem, quando percebe: ao revolucionar profundamente, em poucos anos, o modo como lemos, aprendemos, trabalhamos, nos divertimos, nos relacionamos, consumimos, a cultura digital está mexendo profundamente em... nós mesmos. Estamos ganhando algo, obviamente: ninguém entrou nisso a contragosto. Mas estamos perdendo algo também.

Evidentemente, Nicholas Carr não é o único a pensar assim. À medida que refluí o deslumbramento com as inegáveis maravilhas do mundo digital, tem crescido nos últimos anos a sensação de que a capacidade de concentração é um bem que merece ser preservado a qualquer custo. Há alguns meses, **publiquei aqui** um artigo chamado "Concentração dividirá o mundo entre senhores e escravos", que trata justamente disso. Do outro lado do ringue, não faltam também os que abraçam sem reservas todos os aspectos psicossociais das novas tecnologias.

Esse debate vai render por muito tempo. É difícil enxergar com clareza os efeitos de uma revolução quando se está no meio dela. O notável livro de Carr tenta fabricar luz na escuridão mantendo um pé no novo ambiente e o outro no velho: o fôlego argumentativo e a qualidade do texto são típicos da era livresca, enquanto a mobilização de informações ecléticas paga tributo ao jeito Google de absorver o mundo.

É o Google, aliás, o personagem principal daquele que me pareceu o mais luminoso argumento de Carr – e também o mais assustador. Trata-se de uma analogia simples entre as ideias de Frederick Winslow Taylor, engenheiro industrial do século 19 responsável pela criação do método de repetição mecânica de tarefas que viria a dar na linha de montagem de Henry Ford, e

...o livro nasceu de um artigo polêmico que Carr publicou em 2008, chamado "O Google está nos deixando burros?", comentado na época **aqui no blog**. A tese central é a mesma: ao nos ensinar a ler de outra forma – **vertical, horizontal, volúvel, interativa**, baseada na satisfação imediata –, a tecnologia digital está reprogramando nossas mentes no nível bioquímico, devido a uma característica do cérebro chamada **neuroplasticidade**. Em consequência disso, a capacidade da espécie de acompanhar raciocínios longos e mergulhar sem distração na solução de um problema complexo pode estar simplesmente em vias de extinção.

Se a ideia central já constava do artigo de 2008, "A geração superficial" sustenta o pessimismo de seu autor com uma impressionante variedade de informações históricas, científicas, econômicas etc. Consegue manter no ar todos esses malabares sem perder a atenção do leitor – isto é, daquele leitor que ainda for capaz de prestar atenção em um texto com mais de cinco linhas.

Carr não é um luddita, um reacionário. Sabe que voltar ao império da cultura livresca em que vivemos por séculos, com sua leitura linear e sua concentração em uma tarefa mental de cada vez, é impossível. Tanto quanto teria sido, para os contemporâneos de Gutenberg, *desinventar* a imprensa.

Essa inevitabilidade histórica não o impede de recuar dois passos em busca de uma visão distanciada daquilo que a maioria de nós percebe apenas como vertigem, quando percebe: ao revolucionar profundamente, em poucos anos, o modo como lemos, aprendemos, trabalhamos, nos divertimos, nos relacionamos, consumimos, a cultura digital está mexendo profundamente em... nós mesmos. Estamos ganhando algo, obviamente: ninguém entrou nisso a contragosto. Mas estamos perdendo algo também.

Evidentemente, Nicholas Carr não é o único a pensar assim. À medida que refluí o deslumbramento com as inegáveis maravilhas do mundo digital, tem crescido nos últimos anos a sensação de que a capacidade de concentração é um bem que merece ser preservado a qualquer custo. Há alguns meses, **publiquei aqui** um artigo chamado "Concentração dividirá o mundo entre senhores e escravos", que trata justamente disso. Do outro lado do ringue, não faltam também os que abraçam sem reservas todos os aspectos psicossociais das novas tecnologias.

Esse debate vai render por muito tempo. É difícil enxergar com clareza os efeitos de uma revolução quando se está no meio dela. O notável livro de Carr tenta fabricar luz na escuridão mantendo um pé no novo ambiente e o outro no velho: o fôlego argumentativo e a qualidade do texto são típicos da era livresca, enquanto a mobilização de informações ecléticas paga tributo ao jeito Google de absorver o mundo.

É o Google, aliás, o personagem principal daquele que me pareceu o mais luminoso argumento de Carr – e também o mais assustador. Trata-se de uma analogia simples entre as ideias de Frederick Winslow Taylor, engenheiro industrial do século 19 responsável pela criação do método de repetição mecânica de tarefas que viria a dar na linha de montagem de Henry Ford, e

## O DIA EM QUE PELÉ DESAFIOU DEUS



### O DRIBBLE

Leia o primeiro capítulo do meu novo romance, "O dribble", lançado no ano passado

Leia também



Sergio Rodrigues no **twitter**

• Acompanhe dicas extras e as notas do blog

### Recomendados para você



Angelina barrou o pai no casamento por trauma de infância



Advogada liga Toffoli e Gilberto Carvalho a máfia do DF





**“Quando alimentamos nossa mente dessa forma ela perde a capacidade de interpretação e passa a ser apenas um decodificador de informação. A forma como recebemos informações ao longo dos anos reorganiza nossa mente em todas as outras áreas de nossa vida..”**

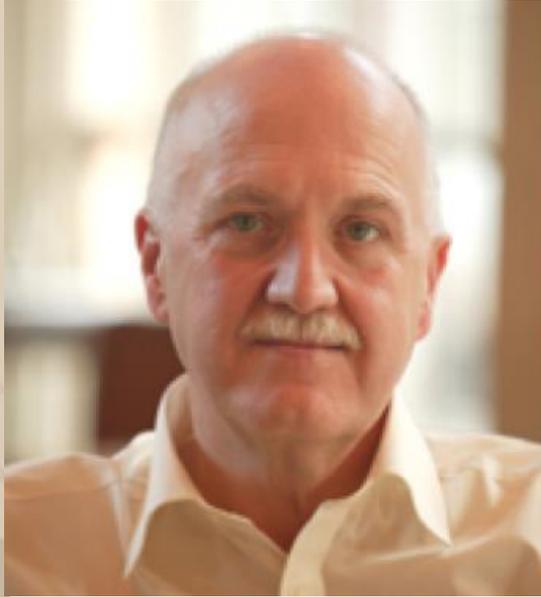
Maryanne Wolf



## **Concentração normal a 15 a 20 minutos**

Ivan Tyrrell, fundador e diretor do jornal  
britânico de psicologia, Human Givens





**A concentração pode ser vista como um tipo de transe, quando o cérebro busca evitar distrações isolando o ambiente externo, enquanto foca em um objetivo específico, de forma que possa retirar dele o máximo possível. Esse fenômeno ocorre mais facilmente quando emoções estão envolvidas**

Joe Griffin, escritor e psicólogo na Irlanda

and talks a  
away for the father  
to focus on the  
his new play  
of family  
consider, we





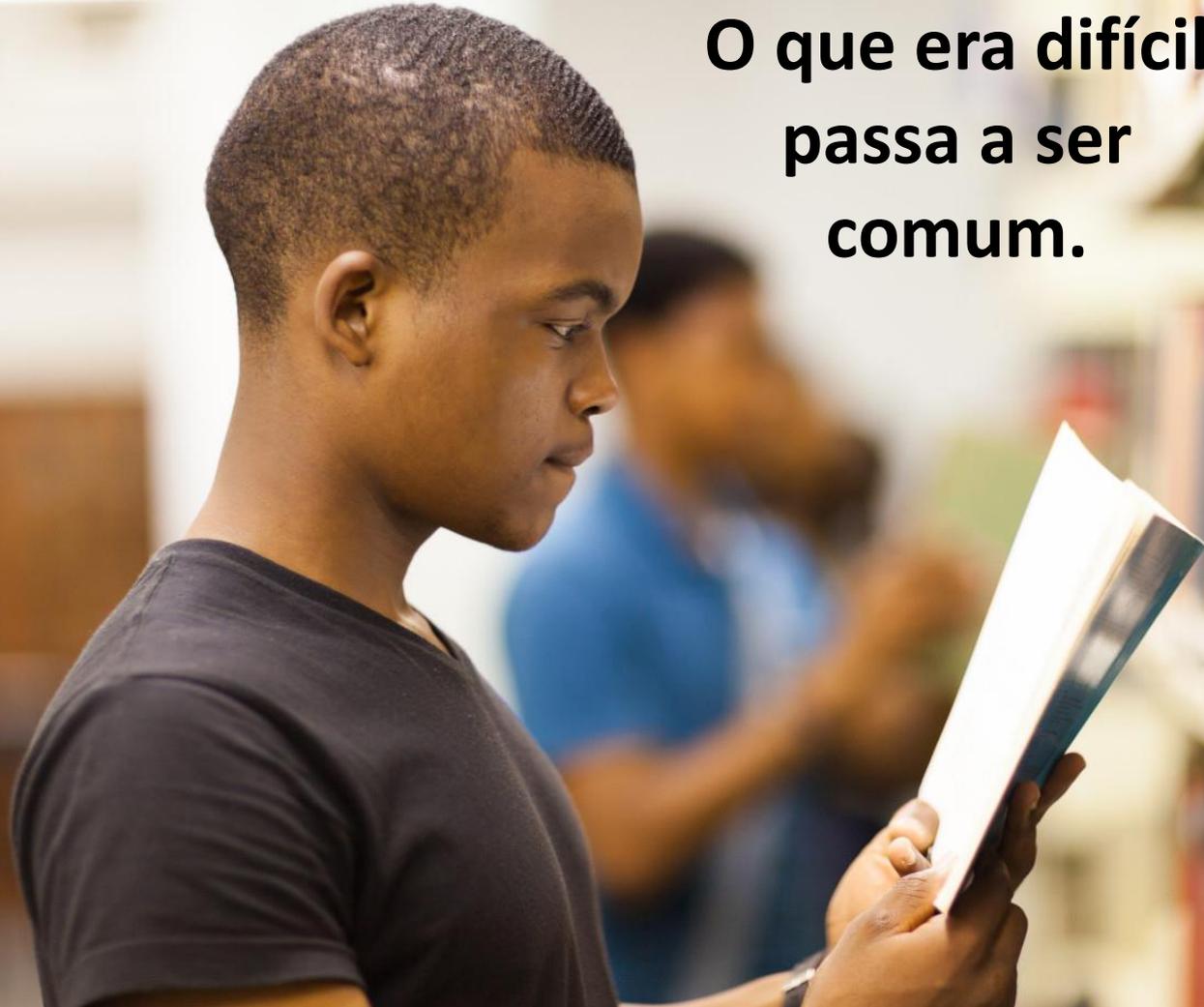
**Gerador de realidade  
(criatividade)**



**O que era difícil passa a ser comum.**



**O que era difícil  
passa a ser  
comum.**



A romantic scene of a couple walking barefoot on a beach at sunset. The man is on the left, wearing dark trousers, and the woman is on the right, wearing a light-colored, flowing dress. They are walking away from the camera, with their feet splashing in the shallow water. The background is a soft, golden glow from the setting sun, creating a warm and intimate atmosphere. The text is overlaid on the right side of the image.

**O que era difícil  
passa a ser  
comum.**

# PARÁBOLAS



- Situações familiares
- Fácil de entenderem
- Fácil de relembrarem



# PARÁBOLAS



- Situações familiares
- Fácil de entenderem
- Fácil de relembrarem
- Emoções

